

|Número 8  
4 dezembro  
2017

# Informações das atividades do GT +Coelho

---

*Vírus da Mixomatose  
detectado em populações  
de coelho-bravo de  
vários concelhos*

---



No âmbito da vigilância sanitária das populações de coelho-bravo desenvolvida no seio do Projeto +Coelho, foram testadas, desde setembro de 2017, mais de 200 amostras de leporídeos recolhidas pelos técnicos das Organizações do Setor da Caça (FENCAÇA, ANPC e CNCP). As análises têm sido realizadas nos Laboratórios Nacionais de Referência de Saúde Animal do INIAV (Oeiras), a instituição que coordena o projeto.

Neste rastreio, cujo enfoque principal é a doença hemorrágica dos coelhos causada pela nova variante (RHDV2), têm vindo a ser testados outros agentes patogénicos que afetam os leporídeos, entre os quais o vírus da mixomatose, conhecido pela sua capacidade de induzir a formação de tumores cutâneos, designados mixomas, e ricos em vírus infeccioso. A mixomatose pode, no entanto, apresentar-se numa outra forma clínica, de expressão respiratória, sem indução de tumores cutâneos, muito embora se possa verificar edema das pálpebras, cabeça e orelhas, e ocorrer infeção dos seios nasais (rinite) e olhos (blefaroconjuntivite). As duas formas de doença foram já reportadas em coelhos-bravos.



Até ao presente, foram testadas, para a presença do vírus da mixomatose, 237 amostras de coelho bravo, das quais 16 correspondem a cadáveres encontrados no campo e 221 a animais caçados durante esta época de caça. Testaram-se também

11 lebres. Detetou-se, por métodos moleculares, a circulação do vírus da mixomatose em 25 dos coelhos-bravos caçados (11.3%), provenientes dos concelhos de Penafiel (n=3), Montemor-o-Velho (n=3), Abrantes (n=1), Montemor-o-Novo (n=1), Mértola (n=9), Olhão (n=5), e Silves (n=3). Apenas uma pequena proporção destes animais apresentava lesões evidentes de mixomatose (mixomas ou edema das pálpebras e genitais).



A deteção de genoma viral exclusivamente em animais caçados sugere a circulação de vírus de patogenicidade baixa ou moderada (estirpes atenuadas), já que as estirpes mais virulentas provocam uma infeção letal no decurso de poucos dias.

A transmissão do vírus a animais saudáveis acontece por contato direto com animais ou cadáveres infetados, mas também por picada de artrópodes (como a pulga do coelho e mosquitos), que promovem a transmissão mecânica após alimentação em animais infetados.

Assim, por forma a reduzir fontes de infeção e minimizar a disseminação do vírus a outros animais e áreas geográficas, recomenda-se a prospecção ativa de cadáveres, a sua recolha e o envio para as instalações do INIAV Oeiras.



Projeto “+COELHO: Avaliação Ecosanitária das Populações Naturais de Coelho-Bravo Visando o Controlo da Doença Hemorrágica Viral” financiado pelo *FUNDO FLORESTAL PERMANENTE*.